

## **“EU SOU QUEM EU SOU PELO MST”: UMA ANÁLISE EM PRAGMÁTICA CULTURAL DA IDENTIDADE SEM TERRA NO MST-CE\***

Marco Antonio Lima do Bonfim (Universidade Estadual do Ceará)

**RESUMO:** o presente trabalho insere-se na linha da Pragmática Cultural, e teve por objetivo estudar os efeitos “perlocucionários” dos atos de linguagem mobilizados pelos/as sem-terra do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Ceará, no jogo de linguagem mística – entendido como um conjunto de práticas languageiras ritualizadas pelos/as sem-terra cotidianamente, nos seus acampamentos e assentamentos. Para tanto, lanço mão da “Teoria (Radical) dos Atos de fala” (AUSTIN, 1990; PINTO, 2002) aliada à concepção de linguagem constituída por “jogos de linguagem” (WITTGENSTEIN, 1989) e do debate sobre identidade e agência humana (HOLLAND ET AL., 1998). Percebi que a perlocução dos atos de linguagem dos/as sem-terra constrói, simultaneamente, o jogo de linguagem mística e a identidade do/a trabalhador/a rural como Sem Terra, que é ritualizada constantemente, por meio do hino e da bandeira do MST, músicas, encenações, gestos, “palavras de ordem” que perpassam todos os espaços de atuação do referido movimento social.

**PALAVRAS-CHAVES:** Agência humana. Identidade performativizada. MST. Mística. Pragmática Cultural.

### **Introdução**

Quero começar este texto dialogando com o filósofo da linguagem ordinária John Austin (1990) e sua Teoria dos Atos de Fala, defendendo que “dizer algo frequentemente, ou até normalmente, produzirá certos efeitos ou consequências sobre os sentimentos, pensamentos, ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas” (Op.cit. p. 89). Noutras palavras, ao dizer algo, nós não só dizemos, mas fazemos este algo. Se digo, por exemplo, “prometo que te amarei para o resto da minha vida”, estou executando o ato de prometer. Não importa aqui, a intenção de quem está proferindo este enunciado performativo (que é e pratica a ação simultaneamente), mas sob que condições esta ação se realiza ou não.

Partindo inicialmente desta “visão performativa” de linguagem como ação. E entendendo a linguagem não como signo linguístico, mas como uma “forma de vida”, no dizer do filósofo Ludwig Wittgenstein (1989), constituída por inúmeros “jogos de linguagem”, como cozinhar, namorar, estudar, pesquisar, dramatizar, ouvir música, ler, pedir, agradecer, cantar, representar teatro, etc. Quero propor uma forma de se viver na e pela

---

\* Este trabalho faz parte de pesquisa de mestrado sobre a questão da identidade Sem Terra no MST-CE, ora em andamento no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Gostaria de agradecer a minha orientadora, Claudiana Nogueira (UECE) pelos seus valiosos comentários. Agradeço também à CAPES pelo apoio financeiro, sem o qual a realização desta pesquisa seria impossível.

linguagem, analisando como os efeitos perlocucionários dos atos de fala constituintes do que os/as sem-terra do Movimento dos Trabalhadores Ruarias Sem Terra chamam de “mística”- um tipo de encenação teatral composta pelas músicas, símbolos, hino e “palavras de ordem” do MST- constroem a identidade de Sem Terra no MST-CE.

O texto está estruturado em quatro sessões. Na primeira, explico o que seria esta Pragmática cultural, na qual a presente análise se insere. Na segunda, relato alguns fragmentos referentes à gênese do MST no Brasil e no Ceará, relacionado-o com a práxis da mística. Na terceira, esboço como o conceito de identidade social tem sido pensado por alguns estudiosos/as da linguagem, sustentando uma concepção performativa de identidade. E finalmente na quarta sessão, realizo uma análise da construção performativa da identidade Sem Terra a partir dos efeitos dos atos de linguagem dos/as trabalhadores/as rurais vinculados/as ao MST no Ceará. Encerro com as considerações (quase) finais.

Espero que esta reflexão possa contribuir para mostrar que as nossas identidades são construídas performativamente através dos efeitos dos nossos atos de fala (incluindo o corpo) em jogos de linguagem reais de que tomamos parte. E que estes atos sempre terão consequências éticas e políticas.

## 1. Por uma pragmática cultural

O estudo da construção dos sentidos considerando os atos de linguagem dos sujeitos e as condições de produção desses significados é denominado, dentro dos estudos da linguagem de *Pragmática*. Nas palavras de Joana Plaza Pinto:

[...] a pragmática analisa, de um lado, o uso concreto da linguagem, com vistas em seus usuários e usuárias, na prática lingüística; e, de outro lado, estuda as condições que governam essa prática. Assim, em primeiro lugar, a pragmática pode ser apontada como a ciência do uso lingüístico (PINTO, 2003, p. 47-48)

No entanto, para Ralagopalan (2002, p.1) “[...] a maioria das teorias ditas pragmáticas se dedicam à tarefa de delimitar, circunscrever, ou até mesmo cercar ou imobilizar a prática lingüística [...]”. Será? Vejamos alguns trechos de estudos realizados neste campo de estudos da linguagem no Brasil atualmente: “[...] este trabalho analisa principalmente os aspectos das **máximas conversacionais**, orientados para a interpretação dos não-verbais, ... em conversações face a face do discurso de sala de aula.” (SANTOS & OLIVEIRA, 2009, p. 16 – grifo meu). “Neste capítulo, procura-se observar os efeitos de sentido [...] em Charges [...] busca-se explicitar analiticamente as **implicaturas conversacionais** [...] em algumas dessas produções, partindo do pressuposto de que há um conjunto de regras que regem o ato comunicativo [...]” (LIMA, 2009, p. 39 – grifo meu). “O objetivo do nosso estudo neste ensaio são as chamadas jornalísticas televiscionadas. O objetivo principal é verificar como se dá a questão da **intencionalidade** [...]” (CABRAL & COSTA, 2009, p. 54 - grifo meu).

Os fragmentos foram retirados do livro “Linguagem em uso” (2009), organizado por Roseanne Tavares. O livro reúne trabalhos de pesquisadoras/es em Pragmática e Linguística Aplicada no Brasil. Embora proponha análises pragmáticas inovadoras, como: a interpretação dos aspectos ditos “não-verbais” em sala de aula, o estudo de Charges e de chamadas jornalísticas televiscionadas. Podemos perceber que tais análises partem de uma Pragmática Conversacional. Para Guimarães, “a Pragmática Conversacional ... [é] oriunda das colocações de Grice em ‘Meaning’ (Grice, 1972) e em ‘Logic and Conversation’ (Grice, 1975) [...] a questão do **significado lingüístico é considerado como função da intenção** e do

reconhecimento desta intenção pelo ouvinte.” (1983, p.19 - grifo meu). Nesse sentido, entendo tal abordagem como sendo uma Pragmática de cunho formal. Porque tal postura, idealiza a prática linguística, propondo investigar a significação linguística como intenção da/o usuária/o. Em contraposição a esta postura intencional de linguagem, quero adotar uma visão em que “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1989, p. 28).

Estou pensando em uma pragmática linguística que considere “[...] a interação linguística concreta de pessoas reais [...] nesta concepção, considera-se que todo ato de fala e todo sentido é historicamente constituído a partir de diversos fatores (sociais, culturais, econômicos, políticos) integrados na produção e interpretação linguísticas.” (ALENCAR, 2009, p. 3). Uma Pragmática linguística voltada para o debate sobre as dimensões éticas e políticas da linguagem. Tais dimensões são manifestadas na medida em que reconhecemos que as nossas “vontades de representações” (linguísticas) resultam de uma decisão, uma escolha, motivada por determinados valores sociais que implicam, necessariamente, uma responsabilidade. “Responsabilidade aqui é literalmente *resposta*, resposta às demandas de uma alteridade que, por ser *inteiramente outra*, exige-nos uma resposta ético-politicamente orientada” (FERREIRA, 2007, p. 37 – grifo do original).

Esta linha de pesquisa encontra-se em construção no Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, e tem como seus idealizadores a Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar e o Prof. Dr. Ruberval Ferreira. Portanto, parto de uma “visão performativa” (OTTONI, 1998) de linguagem como ação, entendendo a linguagem como constituída por inúmeros jogos de linguagem. “O termo ‘jogo de linguagem’ deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”. (Wittgenstein, Op. cit; p, 18). Para tanto, analisarei como os efeitos perlocucionários dos atos de linguagem (atos de fala compostos por fatores linguísticos e os ditos “extralinguísticos”) executados no jogo de linguagem “mística do hino do MST”, performativizam a identidade de Sem Terra no “Encontro Estadual de Jovens Assentados do Sertão Central do Ceará”. Para Lucíola Maia, a mística do hino “[...] inclui um ritual para cantar, enfileirados diante da bandeira do MST, com punhos cerrados e vibrantes” (MAIA, 2008, p. 40). Antes, porém, mergulhemos um pouco na história do MST e de sua mística.

## 2. MST e mística: uma relação de nunca acabar

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge no contexto em que o Brasil iniciava um processo de intensa mecanização da lavoura (década de 1970). Esse processo capitalista industrial toma conta da agricultura formando uma sociedade rural complexa, composta de grandes proprietários de terra, uma pequena burguesia agrária, pequenos proprietários de terra e os camponeses, que, “expulsos pela modernização da agricultura tiveram fechadas essas duas portas – o êxodo para as cidades e para as fronteiras agrícolas” (STÉDILE & FERNANDES, 1999, p. 17).

Aliado a esse processo, temos também, neste período, uma ampla mobilização pela democratização do país, com o ressurgimento das greves operárias (1978-1979) e as lutas contra a ditadura militar. De acordo com João Pedro Stédile, é nessa conjuntura que nasce o MST, pois os camponeses diante das mudanças industriais que atingiram a lavoura optam por

“resistir no campo e buscar outras formas de luta pela terra nas próprias regiões onde viviam. É essa a base social que gerou o MST” (STÉDILE, 1999, p.17).

Nesse processo de luta pela terra, o nascimento em 1975 da Comissão Pastoral da Terra (CPT)<sup>1</sup>, em Goiânia, foi muito significativo para a reorganização das lutas camponesas. Reorganização, no sentido de que estas lutas já ocorriam “desde a nossa certidão de nascimento como nação” (ROMÃO, 2006, p. 46). Dessa forma, Bernardo Mançano (1999, p. 19) sugere que “[...] o MST nasce das lutas que já ocorriam, simultaneamente, nos estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. Stédile em consonância com Bernardo (op. cit.; 31) relata:

[...] o MST nasceu como movimento camponês, de agricultores acostumados com o trabalho familiar e que resolveram lutar pela terra [...] Na essência. O MST nasceu como um movimento camponês, que tinha como bandeira as três reivindicações prioritárias: terra, reforma agrária e mudanças gerais na sociedade[...].

Para Romão (2006) fatos como a ocupação das fazendas Macari e Brilhante no Rio Grande do Sul, marcam o nascimento do MST naquela região. No Ceará, segundo Morissawa (2001), a constituição do movimento se deu a partir das vitórias conquistadas nas ocupações de terra que se iniciaram no ano de 1989, nas fazendas Reunidas de São Joaquim, em Quixeramobim, Canindé e Itapiúna. Segundo o autor, “a década de 1990 foi de intensa mobilização e de grandes conquistas pelos sem-terra no Ceará. Foram ocupações em Crato, Tamboril, Canindé, Massapê, Quixadá, Ocara, entre outros municípios” (op.cit.; p. 188).

Feito esse breve histórico sobre a gênese do MST no Brasil e no Ceará, gostaria de destacar agora, a importância da mística na formação identitária dos/as Sem Terra. Perguntado sobre o uso da palavra mística dentro do MST, Pedro<sup>2</sup>, 23 anos, nos diz:

[...] a mística é uma motivação, é uma motivação [...] quando eu me sinto motivado pra fazer uma coisa[...] eu vô me empenhar cada vez mais, cada vez mais eu vô dá tudo de mim praquela causa que eu quero alcançar[...] que nem no nosso caso. Nós (sic) queríamos chegá até uma terra [...] Hoje nós chegamu (sic)[...] a **mística** fez com que nós diante das dificuldade (sic), nós tivesse **força**. Tivesse **resistência**[...] pra conquistar a terra. E quando as dificuldade (sic) vinha que nem sol, chuva, fome. Tudo isso castigava [...] mais, sempre nós tava unido, nós tava ali, alegre. Tava feliz mesmo com essas dificuldade (sic).

Compreenderam? Pedro, você pode definir mais exatamente o que seria a mística? “Se nós fôssemos analisar a mística, assim pra gente definir o que é [...] nós conseguiríamos descrever por um conjunto de sentimentos [...] e mesmo assim, ainda não conseguiria dizer, especificá [...]”. Ademar Bogo, um dos Dirigentes do MST, diz que “[...] é difícil explicá-la porque, para entendê-la, é necessário senti-la e vivê-la” (BOGO, 2002, p. 10). Mas, como os sem terra vivenciam esse “conjunto de sentimentos”? Quais seriam os jogos de linguagem que

---

<sup>1</sup> “Organismo pastoral da Igreja Católica, vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A CPT foi organizada em 1975, em Goiânia (GO), durante um encontro de bispos e agentes de pastoral, a partir de reflexões sobre a crescente onda de conflitos de terra que ocorriam nas regiões Norte e Centro-Oeste do País [...] Embora iniciada no Norte e no Centro-Oeste, estendeu suas atividades para quase todos os estados do Brasil. Atua em todas as dioceses em que há problemas de terra” (STÉDILE & FERNANDES, 1999, p. 19).

<sup>2</sup> Todos os/as entrevistados/as são designados/as por pseudônimos. Pedro Marques. Depoimento concedido na casa de sua mãe, no Assentamento “Lênin Paz II”, situado em Ibaretama – Ce, em julho de 2010. Entrevista realizada por Marco Antonio Lima do Bonfim.

manifestam esta forma de vida no MST? Como essa forma de motivação se relaciona com a construção da identidade Sem Terra no MST?

No que diz respeito à vivência da mística pelos sem terra, vejamos a descrição de uma mística sobre ocupação de terra realizada no Assentamento Antônio Conselheiro (Ocara - CE) em setembro de 2003, registrada no livro “Mística, Educação e Resistência no Movimento dos Sem-Terra”, de Lucíola Maia (2008, p. 122):

Em primeiro lugar, a abertura com o Hino do MST, em segundo lugar a cena da ocupação. A encenação da peça ‘Ocupação de terra’ ocorreu com um grupo de dez pessoas - crianças, jovens, adultos e idosos. As pessoas chegam e dizem: ocupa ou não ocupa? E o restante responde: ocupa! Os assentados que estavam se apresentando levavam instrumentos de trabalho, como facão, foice, enxada e a bandeira do MST: cortam o arame da cerca e ocupam a terra, e, por último chega o latifundiário e diz: ‘quem deu ordem pra vocês ocuparem esta terra, pois ela é minha’? E o grupo de trabalhadores responde: ‘esta terra é nossa, pois foi Deus que a fez e deixou para todos nós’. Para terminar, coloca-se a música **Manter a Esperança**.

Após estas descrições a respeito da mística do/no MST. Quero agora mostrar como esta forma de vida pode apresentar uma concepção de identidade performativa dentro do MST.

### 3. Identidade performativa

Muitos lingüistas (MOITA LOPES, 1998, 2006; SIGNORINI, 1998, RAJAGOPALAN, 2003, 2006; FREITAS, 2006, dentre outros/as) motivados pela perspectiva dos estudos culturais e pelas abordagens pós-estruturalistas tem argumentado que identidade “é um construto e não algo que se encontra por aí *in natura* [...]” (RAJAGOPALAN, 2002, p.1) e que essa construção se dá a partir das diferenças que, de alguma forma, constroem identificações.

Ao entender que a identidade é um construto e que esta construção se dá no âmbito da língua, estes/as estudiosos/as tem proposto que as nossas identidades são reivindicadas (mediante questões éticas e políticas) e que essas reivindicações são feitas a partir de “políticas de representação”. Pois, como argumenta Hall (2000, p. 109) as questões relativas às nossas identidades têm a ver com “‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’”. Nesse contexto, a linguagem assume um papel de suma importância na construção de nossas identidades. Pois, é na linguagem que nós nos construímos, é na linguagem também que somos capazes de construir jogos de linguagem para agirmos em determinadas situações do nosso cotidiano.

Autores/as como Pinto (2002, 2009) e Silva (2005, 2008) tem proposto estudos sobre identidade que articulam corpo e linguagem, partindo inicialmente, de uma interpretação “alternativa” da “Teoria dos Atos de Fala” do filósofo John Langshaw Austin (1990). Tais estudos tem mostrado como identidades são realizadas no e através do uso da linguagem, entendendo os processos corporais de subjetivação como performativos. Isto é, considerando o ato de fala como um ato corporal. Como defende Pinto, “o sujeito de fala é aquele que produz um ato corporalmente; **o ato de fala exige o corpo**. O agir no ato de fala é o agir do



corpo [...]” ( 2002, p. 82 – grifo da autora). Nesse sentido, em uma “Teoria Radical dos Atos de Fala”, “[...] identidades são performativas, ou seja, são efeitos de atos que impulsionam marcações em quadros de comportamentos (fala, escrita, vestimentas, alimentação, cultos, elos parentais, filiações, etc)” (Op.cit., p. 122). Assim sendo, considero que os/as sem-terra do MST-CE, se performativizam como Sem Terra (lutadores/as da e pela terra) a partir da vivência da luta pela terra que também se manifesta nas místicas realizadas pelo MST nos vários Encontros, Congressos e demais espaços de atuação deste movimento social. Passe mos agora, para a análise da construção performativa da identidade Sem Terra no MST-CE.

#### 4. Identidade e agência no MST-CE

Vejamos as cenas da mística do hino do MST:

Cena 1



Cena 2



Cena 3



Cena 4



Autor, Quixadá, 2010.

Fonte: Elaboração do

A seleção das cenas<sup>3</sup> foi feita através do programa de edição de fotos “Picasa”, segundo algumas das categorias propostas por Kress e van Leeuwen (1996) para análise de

---

<sup>3</sup> As referidas cenas foram coletadas em pesquisa de campo, através de filmagens digitais das dramatizações teatrais realizadas pelos/as jovens assentados/as do MST-CE no “Encontro Estadual de Jovens Assentados do Sertão Central do Ceará”, no período de 04 a 07 de junho de 2010, em Quixadá-Ceará.

imagens<sup>4</sup> como textos imagéticos que retratam ações em andamento (“estruturas narrativas”), com “modalidade saturada”, e um alto grau de “valor de informação”.

Fátima, (Dirigente Estadual do MST-CE), ao tratar da relação entre mística, a luta pela terra e a identidade Sem Terra nos diz:

[...] ao cantar o hino do MST [...] nós estamos com a bandeira erguida [...] **onde existir Sem Terra, o hino vai ta lá sendo cantado. Um Sem Terra tem que está pronto pra luta [...] essa posição de cabeça erguida, de cerrar os punhos, é nesse sentido: ‘estou pronto!’ [...] prá batalha [...] eu tenho que defender a terra, eu tenho que lutar pela terra [...] eu sou quem eu sou pelo MST [...] eu agora sou um coletivo. Eu agora sou Sem Terra.**<sup>5</sup>

Analizando os atos de linguagem que compõem o referido jogo de linguagem. Observei que a ação das/os jovens assentadas/os de executar atos de fala, constituintes do Hino do MST, (ver anexo) como: “Vem, lutemos, punho erguido [...]”, enfileiradas/os diante da bandeira do MST, juntamente com a ação de “cerrar o punho” esquerdo, por ocasião do Encontro de Jovens do MST-CE, promovido pelo próprio movimento social. Tem por consequência, a construção do jogo de linguagem “mística do hino”. Este ato de construir e jogar o referido jogo de linguagem, evidencia o que alguns antropólogos/as tem chamado de “agenciação”: “[...] o poder das pessoas para agirem intencionalmente e reflexivamente dentro de relações mais ou menos complexas com o outro, para reiterar e remarcar o mundo em que elas vivem [...]”<sup>6</sup> (INDEN 1990 apud HOLLAND ET., AL, 1998, p. 42).

Esse “poder das pessoas para agirem”, não acontece de forma isolada, mas situado no tempo e espaço históricos. Isto implica dizer que, para que a identidade de Sem Terra venha ser assiduamente reivindicada (re-marcada) faz-se necessário, um contexto de ação específico (jogo de linguagem mística do hino) no qual os sujeitos que estão sempre em formação, possam, mesmo que temporariamente, se (re) afirmarem enquanto tais a partir das suas ações.

Nesse sentido, podemos dizer que as “[...] identidades são agenciadas - num fluxo de atividade cultural dentro de uma situação social específica a partir dos recursos culturais que temos em mãos” (HOLLAND ET., AL, 1998, p. 4). Entende-se por “recursos culturais”, os

---

<sup>4</sup> Estas categorias de análise foram propostas por Gunter Kress e Theo van Leeuwen (1996) em sua obra “Reading images: the grammar of visual design”, ( em português, Lendo imagens: a gramática do design visual) no campo da Semiótica Visual, que tem procurado investigar a composição imagética de textos e seus contextos de uso. Os referidos autores, baseados na Lingüística Sistêmico-Funcional de Halliday, propõem um instrumento analítico crítico da composição imagética dos textos. Tal instrumental se constitui a partir de três estruturas de representações básicas, a saber, significado representativo (descreve os participantes em ação), significado interativo (descreve as relações sócio-interacionais construídas pela imagem) e significado composicional (combina os outros dois significados em um todo coerente). No que se refere às “estruturas narrativas”, podemos entendê-las como uma das dimensões do “significado representativo” em imagens, manifestando a presença de “traços” (“vetores”) que indicam uma ação em andamento. Quanto a “modalidade saturada” (grau de utilização de cores em imagens), podemos dizer que ela se apresenta, como uma das dimensões do “significado interativo”. “A modalidade na imagem, portanto, tem relação com o valor de verdade, das afirmações a respeito do mundo, que são exibidos.” (FERNANDES & ALMEIDA, 2008, p. 22). Por fim, o “valor de informação” se refere ao “significado composicional” e “é estabelecido pelo posicionamento dos elementos dentro da composição visual.” (Idem, p. 23).

<sup>5</sup> Fátima Vicente. Depoimento concedido na Sede da Secretaria Estadual do MST-CE, Fortaleza - Ce, em maio de 2010.

<sup>6</sup> Todas as traduções são de minha responsabilidade.

“instrumentos” da dimensão de uma determinada prática social. No caso do MST-CE, o uso de determinados atos de fala ( “Vem, lutemos, punho erguido ...”), dos símbolos do MST, como a bandeira e o boné e de gestos como o punho esquerdo cerrado. Por exemplo.

No que concerne aos aspectos semiótico-pragmáticos das cenas em análise, resalto que em todas as cenas percebemos “vetores” (punhos erguidos) indicando a realização de ações (KRESS E VAN LEEUWEN, 1996). Além disso, se adotarmos uma perspectiva integracionista de linguagem (HARRIS, 1981), perceberemos que a fusão dos atos de fala da nossa entrevistada com os atributos relacionados aos sujeitos das cenas em destaque, como a bandeira e o boné do MST. Constróem simultaneamente, o jogo de linguagem mística, e a identidade do/a agricultor/a vinculado/a ao MST-CE como Sem Terra. Isto é, como lutador/a e defensor/a da terra. Como símbolo de luta e resistência no contexto da luta pela terra no Brasil. Vale ressaltar que esta “identidade coletiva” está sempre em formação, está constantemente se re-afirmando tanto dentro do contexto da luta de classes, como a partir da vivência da mística no MST.

Outro ponto a ser destacado, é que esta identidade de Sem Terra se performativiza dentro da luta de classes. Pois atos de fala como, “[...] nós somos da esquerda, nós pertencemos a uma classe, nós nos reconhecemos como classe trabalhadora”<sup>7</sup>, re-afirmam o compromisso da luta de uma “classe social” (trabalhadores/as rurais) com a luta pela terra no Brasil. E é nesse processo histórico de luta que a identidade Sem Terra vai se performativizando. Portanto, o uso da palavra sem terra no jogo de linguagem mística do hino, jogado a todo momento pelos/as trabalhadores/as rurais sem terra do Ceará, não tem a significação de sem (a) terra, mas sim de Sem Terra, de trabalhador/a rural organizado/a no e pelo MST que luta pela Reforma Agrária e por mudanças sociais na sociedade brasileira. Enfim, Sem Terra é uma identidade coletiva sempre em formação.

### **Considerações (quase) finais**

O presente artigo procurou mostrar a partir de uma análise em Pragmática cultural, como os/as trabalhadores/as rurais vinculados ao MST-CE, agem construindo jogos de linguagem (como a mística do hino do MST) e, a partir destes, a identidade (coletiva) do/a trabalhador/a rural cearense como Sem Terra (em oposição a sem-a-terra) que é ritualizada constantemente por meio do hino e da bandeira do MST, músicas, encenações, gestos, “palavras de ordem” e imagens que perpassam todos os espaços de atuação do referido movimento social. Percebi que “O sujeito [do MST] é então um ser performativizado, repetindo as ações para marcar sua identidade no tempo, de maneira que ela se apresente muitas vezes como ‘uma parte integral e fixa da sua natureza’” (PINTO, 2002, p. 93).

Finalizo este ato, que não se encerra por aqui, posto que meus atos de fala continuarão ecoando no tempo, com uma poesia do poeta e militante do MST, Zé Pinto:

---

<sup>7</sup> Fátima Vicente. Depoimento concedido na Sede da Secretaria Estadual do MST-CE, Fortaleza - Ce, em maio de 2010.



**Sem Terra é mais que sem-terra**

Realmente se essa força  
Chamada MST  
Foi crescendo desse jeito,  
Na luta por terra e pão,  
Construindo educação, ensinando e aprendendo,  
Nessa briga por direitos,  
Numa manhã muito próxima,  
Muita coisa vai mudar:  
A liberdade virá, os canhões se apagarão,  
E será daí só canção, melodia de amar.  
E se você me perguntar  
Então não será mais Sem Terra?  
Respondo, claro que sim,  
Pois uma coisa é ser sem-terra,  
E outra coisa é ser **Sem Terra**:  
Assim vou continuar...  
(MST, 2001)

**Referências**

- ALENCAR, Claudiana. **As construções dos sentidos da violência nas práticas culturais do Sertão Central do Ceará**. Relatório de Pesquisa: Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa e Estímulo à Interiorização – FUNCAP. Fortaleza, 2009. 44 p.
- AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BOGO, Ademar. **O vigor da mística**. São Paulo: ANCA, 2002.
- CABRAL, Diogo; COSTA, Januacele. Intencionalidade em chamadas jornalísticas televisivas: desvelando implicaturas. In: TAVARES, Roseanne. **Linguagem em uso** (org.). Maceió : EDUFAL, 2009. p.53-64.

FERNANDES, José & ALMEIDA Danielle. Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. In: ALMEIDA, Danielle (org.). **Perspectivas em análise visual do fotojornalismo ao blog**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.p.11-31.

FERREIRA, Ruberval. **Guerra na língua: mídia, poder e terrorismo**. Fortaleza: EdUece, 2007.

FREITAS, Alice. As identidades do Brasil: buscando as *identificações* ou afirmando as *diferenças*? In: RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina. (orgs.). **Políticas em linguagem: perspectivas identitárias**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006. p. 227- 253.

GUIMARÃES, Eduardo. Sobre alguns caminhos da pragmática. **Série Estudos**, 9. Sobre Pragmática: 15-29, 1983.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T.T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-129.

HARRIS, Roy. **The language myth**. Oxford, Duckworth, 1981.

HOLLAND, Dorothy; LACHICOTTE, William; SKINNER, Debra; CAIN, Carole. **Identity and agency in cultural worlds**. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts. London, England, 1998.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. London, New York: Routledge, 1996.

LIMA, Rita. Os dispositivos do ato comunicativo em charges. In: TAVARES, Roseanne. **Linguagem em uso** (org.). Maceió : EDUFAL, 2009. p. 39-51.

MAIA, Lucíola. **Mística, educação e resistência no Movimento dos Sem-Terra - MST**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MOITA LOPES, Luiz. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 1998. p. 303-330. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

\_\_\_\_\_. **Por uma lingüística aplicada INdiscilpinar** (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MORISSAWA, Mitssue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). Somos Sem Terra. **Caderno do Educando**, n. 2, São Paulo, 2001.

SANTOS, Maria; OLIVEIRA, Cristiano. As relações pragmático-gestuais na construção de sentido, em contexto escolar. In: TAVARES, Roseanne. **Linguagem em uso** (org.). Maceió : EDUFAL, 2009. p. 17-37.

OTTONI, Paulo. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

PINTO, Joana. **Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem**. Campinas. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem/ IEL, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pragmática**. In: MUSSALIM, F; BENTES, A (orgs.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras, v.2. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 47-68.

\_\_\_\_\_. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. **Cadernos Pagu** (33), julho-dezembro.Campinas, 2009.p.117-138.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma Pragmática voltada à prática lingüística. In: ZANDWAIS, A (org). **Relações entre Pragmática e Enunciação**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2002. p. 1-14.

\_\_\_\_\_. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_; FERREIRA, Dina. (orgs.). **Políticas em linguagem: perspectivas identitárias**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

ROMÃO, Lucília. As raízes da luta pela terra. In: **Revista discutindo Geografia**. Ano1, nº 6. Escala educacional, 2006. p.46-53.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo. **Brava gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo. Editora: Perseu Abramo, 1999.

SIGNORINI, Inês (org.). (Des) construindo bordas e fronteiras: letramento e identidade social. In: **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 1998. p. 139-171. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade)

SILVA, Daniel. Brahma Kumaris: a construção performativa de identidades de gênero. Campinas. **Dissertação (Mestrado em Linguística)**. Instituto de Estudos da Linguagem/ IEL, Universidade Estadual de Campinas/ UNICAMP, 2005.

\_\_\_\_\_. A questão da identidade em perspectiva pragmática. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, v. 8. n. 1, 2008. p.15-33.

TAVARES, Roseanne. **Linguagem em uso** (org.). Maceió : EDUFAL, 2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Trad. De José Carlos Bruini. São Paulo, Nova Cultural, 1989 (Os Pensadores).**NEXO**

**Hino do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra****Letra: Ademar Bogo****Música: Willy C. de Oliveira**

Vem teçamos a nossa liberdade  
braços fortes que rasgam o chão  
sob a sombra de nossa valentia  
desfraldemos a nossa rebeldia  
e plantemos nesta terra como irmãos!

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido  
Nossa Força nos leva a edificar  
Nossa Pátria livre e forte  
Construída pelo poder popular

Braços Erguidos ditemos nossa história  
sufocando com força os opressores  
hasteemos a bandeira colorida  
despertemos esta pátria adormecida  
o amanhã pertence a nós trabalhadores !

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido  
Nossa Força nos leva a edificar  
Nossa Pátria livre e forte  
Construída pelo poder popular

Nossa Força resgatada pela chama  
da esperança no triunfo que virá  
forjaremos desta luta com certeza  
pátria livre operária camponesa  
nossa estrela enfim triunfará!

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido  
Nossa Força nos leva a edificar  
Nossa Pátria livre e forte  
Construída pelo poder popular

Fonte: (MORISSAWA, 2001, p. 210)